

A FIGURA FEMININA SOB A VISÃO NATURALISTA NA OBRA “O CORTIÇO” DE ALUISIO DE AZEVEDO

Rozangela Gonçalves de CARVALHO (G-PARFOR/UFPA)
Orientador. Prof. João Paulo Marcelino GONÇALVES

RESUMO

Este artigo pressupõe trabalhar a figura feminina na obra literária “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, fazendo uma análise minuciosa sob a visão Naturalista. Nesta perspectiva procuramos nos lançar aos estudos das novas tendências do século XIX de base científica, como o determinismo de Hypolite Taine, onde evidencia que o ser humano passa a ser analisado e explicado a partir de algumas categorias essências, como o momento histórico, o meio social e a raça. Nesse sentido, faremos uma pesquisa cercada sob uma visão naturalista da mulher escrava, mãe, sedutora, adultera sensual e da própria dominação do homem sob a mulher presentes na obra. Assim, observou-se a presença da ambientação coletiva que condiciona o modo de agir de alguns personagens, principalmente da figura feminina, o qual é a ideia central deste trabalho de pesquisa.

Palavras-chave: Mulher. Aluísio. Literatura. Determinismo.

1-INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado vem propor uma análise detalhada da figura da mulher sob a ótica naturalista nos diferentes aspectos sociais, onde discorreremos por meio da análise e observação da obra “O cortiço” de Aluísio de Azevedo. Por isso, adentraremos nos capítulos posteriores na obra seguindo a ordem linear da narrativa, na qual Azevedo apresenta a realidade vivenciada pela população urbana nos fins do século XIX. A obra mostrará problemas de habitações especificamente em um bairro do Rio de Janeiro, Botafogo, onde se passa toda a narrativa.

O autor vem por meio de sua obra retratar aspectos que envolvem a realidade vivenciada pela sociedade da época. Assim, percebe-se que o movimento Realista-naturalista tinha um posicionamento bem diferente na retratação da realidade em relação aos movimentos anteriores. Levando em consideração características do movimento mostrando por meio dos personagens, que apresentavam aspectos relacionados ao Determinismo, pois os ideais visados por seus seguidores eram investigados para conhecer a verdadeira origem da sociedade. Dessa forma, as modificações sociais surgem para mostrar as verdadeiras mazelas da sociedade juntamente as suas necessidades do período, em que não hesitavam em apresentar o que há de verossímil na vida de pessoas indignadas com a situação em que viviam e por problemas patológicos que existiam naquele período.

2-CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: DA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX E O SURGIMENTO DE NOVAS TENDÊNCIAS

A sociedade do século XIX passou por várias mudanças, principalmente com advento da Revolução Industrial que acarretou consequências graves no que concerne o crescimento exacerbado das grandes cidades, o desemprego desenfreado e todas essas transformações primaram por uma sociedade nada igualitária e democrática. E lógico, não seria diferente no campo literário, com a publicação da obra *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, o qual inaugura o Realismo na Europa, como isso paulatinamente o estilo romântico vai saindo de cena, deixando a razão sobrepor-se a subjetividade, tendo como um estilo mais próximo da verdade com um rigor de detalhes que impressionam e que tratam da realidade da sociedade, com uma reflexão do novo papel social da mulher de disseminadora das práticas burguesas no âmbito familiar em torno da civilidade da educação.

No entanto, em 1881 o Realismo-Naturalismo brasileiro teve seu início e utilizava não somente de uma linguagem contrária à do Romantismo, como também abordava outros assuntos mais chocantes para a sociedade que estava em transição. Aquele período foi tão significativo para a época que conseguiu introduzir outra escola literária capaz de exagerar ainda mais no tratamento da linguagem objetiva e universal, conhecida por Naturalismo, o qual pode ser denominado por alguns autores com um realismo exacerbado. Para Coutinho (2004) o

(...) Naturalismo, é um realismo a que se acrescenta certos elementos que o distinguem e tornam inconfundíveis a sua fisionomia em relação a ele. Não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do realismo, pois que o termo inclui escritores que não se confundem como os realistas. (COUTINHO, 2004, p.11).

Neste sentido, observa-se que a obra analisada “O cortiço”, retrata fielmente, as peculiaridades naturalistas da época de forma minuciosa, para que os leitores possam compreender os acontecimentos narrados como verossímeis. E assim, enfatizar que essa aproximação da verdade nada mais é do que o esclarecimento de alguns termos como: determinismo; positivismo; darwinismo e zoomorfismo que são preponderantes para o estudo referente ao naturalismo brasileiro. Segundo Cândido (1997) as

instituições da sociedade, principalmente as jurídicas, deixaram de ser consideradas como manifestações da providência, ou da razão humana, para serem interpretadas como produtos, como consequência necessária de certos fatores condicionantes, dos quais se destacam o meio físico e a raça. O romantismo foi combatido, entre outras coisas, no que tinha de compromisso com as filosofias de cunho espiritualista, e no que tinha de idealização da realidade. E os partidários das novas ideias não foram levados a investigar os caracteres originais da nossa sociedade, a luz do determinismo da raça e do ambiente, ao mesmo tempo em que divulgam e



implicavam à política, ao direito, à literatura e os princípios das novas filosofias europeias, com o positivismo e evolucionismo, principais encarnações do materialismo de origem científica. (CANDIDO, 1997, p. 283).

O determinismo do filósofo Hippolyte Taine, salienta que o ser humano passa a ser analisado e explicado a partir de algumas categorias essências, como o momento histórico, o meio social e a raça, ou seja, que estes fatores são condicionantes no modo de agir da sociedade.

Já o positivismo é uma corrente filosófica que surgiu na França no começo do século XIX, tendo como principal idealizador Augusto Comte. Este movimento filosófico é de um conceito que possui distintos significados, englobando tanto perspectivas filosóficas e científicas do século XX. Bosi (2009) enfatiza que

o determinismo reflete-se na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar as suas personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega sempre de tons sombrios o destino das suas criaturas. Atente-se, nos romances desse período, para a galeria de seres distorcidos ou achapados pelo Fato: o mulato Raimundo, a negra Bertoleza, Pombinha, o “Coruja”, de Aluísio de Azevedo. (BOSI, 2009.p.141)

Estes movimentos ganham corpo na literatura naturalista, pois desde o seu início, com Augusto Comte (1798-1857) na primeira metade do século XIX, até o presente século XXI, o sentido da palavra mudou radicalmente, incorporando diferentes sentidos, muitos deles opostos ou contraditórios entre si. Pois partia do princípio de que o único conhecimento válido é oriundo das ciências, isto é, o conhecimento positivista. O positivismo pregava que a ciência deveria ser vista como o centro de todas as coisas. Para Silva

Augusto Comte fala a respeito das transformações exercidas na sociedade através de designios necessários para reformá-la, elevando-a a uma etapa positiva. Deve-se fazer experiência, comparação e observação. Para diminuir os problemas da sociedade da época, deveria também ser realizada uma reorganização de crenças e costumes. Assim sendo, a estrutura familiar, os valores sociais e a educação seriam fundamentais para o êxodo dessa teoria. (SILVA, 2010.p.14)

Outra corrente é o Darwinismo que tratava da seleção natural das espécies, pois através destas teorias os autores tiravam inspirações para produzirem suas obras. A presença das características da teoria Darwinista na obra de Aluísio de Azevedo é latente, pois “o escritor naturalista julga “interessante” o patológico, porque prova a dependência do homem em relação à fatalidade das leis naturais” (BOSI, 1994, p. 190). Já zoomorfização é uma concepção naturalista de Aluísio de Azevedo que utilizava desse conceito para fazer comparações das personagens na narrativa “O cortiço”, o autor os chama de “pobres”, “gentalhas”. Podemos constatar tal afirmação a seguir quando o autor Bosi (1994) enfatiza que

Já nos pobres, na “gentalha”, como os chama, o trabalho é o exercício de uma atividade cega, instintiva, não sendo raras as comparações com vermes ou com

insetos, sempre que importa fixar o vaivém dos operários na pedreira ou das mulheres no cortiço. (BOSI, 1994. p.211)

Aluísio utiliza a figura de linguagem do Zoomorfismo, pois seria a comparação da figura do homem a de um animal, ligado ao seu comportamento humano. A Zoomorfização é uma concepção do Naturalismo, onde o homem é retratado como um ser irracional, essa ideia era da época, muito influenciada pelo Darwinismo de que o homem não passa de um ser instintivo, onde é condicionado pelo meio em que vive. Como podemos evidenciar na obra do autor quando descreve que

naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa começou a minhoca e esfervilhar, a crescer o mundo uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco (AZEVEDO, 2012.p. 12).

Diante de tais constatações históricas podemos perceber que se verificou nessa época um grande avanço científico e filosófico, uma verdadeira onda de cientificismo e materialismo. Todo o pensamento do oitocentista influenciou a literatura Realista-Naturalista. A partir destes pressupostos, analisaremos a obra em questão e perceberemos estas tendências na visão aluisidiana e como os personagens da obra “O cortiço”, mais precisamente o feminino, que é nosso foco de pesquisa foram influenciados pelas novas tendências do século XIX.

3-ANÁLISE DA OBRA “O CORTIÇO”

A obra monta um enredo em função de pessoas, sequências e descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem no conjunto do cortiço a personagem mais conveniente do romance naturalista brasileiro. O romance busca conhecer de perto os pensamentos dos personagens, as influências do meio, da raça e do momento histórico.

No romantismo “a imagem da mulher triparte-se na mulher-pureza que enobrece com o seu amor sincero; na mulher-sedução que se torna corruptora; e naquela que, envelhecida pode ser redimida pelo amor”. (CANDIDO, CASTELLO, 1997.p.159). Sendo uma mulher idealizada, representando a perfeição do belo, era vista como ser intocável.

Em contraste ao naturalismo que apresenta a mulher sobre uma ótica realista, por exemplo, a mulher do campo, dona de casa, lavadeira, solteira, casada como é retratada no romance o cortiço. A obra tem sua narrativa em terceira pessoa, com um narrador que tem conhecimento sobre tudo que se passa na narrativa, como defende o naturalista. Dessa forma, busca às situações mais próximas da realidade, pois “se a ótica naturalista capta de preferência a mediocridade da rotina, sestros e mesmos as taras do indivíduo, ela não será por isso menos verossímil que a opção contrária dos românticos” (BOSI, 2006, p. 189)



“O Cortiço” buscando um olhar sobre a construção da identidade familiar, bem como abordar assuntos chocantes para sociedade. Neste sentido, como também pode ser denominado por alguns autores como um realismo exacerbado. Assim percebemos esse exagero no trecho da obra.

Miranda nunca a tivera, nem nunca a vira, assim tão violenta no prazer. Estranhava. Afigurou-se lhe estar nos braços de uma amante apaixonada; descobriu nela o capitoso encanto com que nos embebedam as cortesãs amestras no gozo venéreo. (AZEVEDO, 2012, p.9).

Essa concepção naturalista vem tratar das situações ocorridas no cotidiano, do homem ambicioso e principalmente da sensualidade de Rita Baiana. Por ser uma obra riquíssima do naturalismo brasileiro. Aluizio de Azevedo afirma que

Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes minavam por toda parte, ameaçando rebentar o chão em torno, rachando o solo e abalando tudo. (AZEVEDO, 1998, p. 26).

Na obra é possível destacar a grande relação entre ficção e realidade. Dessa forma, percebem-se as cenas coletivas no início do século XIX, dando ênfase às transformações ocorridas na sociedade, pois “o problema da relação entre ficção e realidade e da necessidade de verossimilhança, tão antigo, é o pressuposto de boa parte da teoria do foco narrativo, desde que ela comece a se construir mais sistematicamente.” (CHIAPPINI, 1987, p.12)

Neste sentido, observa-se a presença do real que a sociedade vivenciava no período do naturalismo. Assim, o romance aborda aspectos existentes na vida da mulher submissa ao homem como corrobora o trecho a seguir.

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança do espírito da mulher, que esta, afinal, nada mais resolia só por si e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão (AZEVEDO, 2012, p.05).

Identificamos na obra não só a submissão da mulher, mas também temas que contornam a sociedade nos dias atuais como o adultério, a ambição, a indiferença. São marcas que predominam no movimento naturalista e que Azevedo demonstra no romance o cortiço, o qual será relatado de forma sucinta nos parágrafos seguintes.

(...) João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte e, a noite, lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábua, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que não se ouvia vislumbre de rumor. Depois, um tomava uma carga e partia para a casa, enquanto o outro ficava de alcateia ao lado do resto, pronto a dar sinal em caso de perigo; e, quando o que tinha ido voltava, seguia o companheiro, carregado por sua vez. (AZEVEDO, 2012, p.07).

Constatamos traços marcantes do caráter moral do ser humano no parágrafo acima citado, mas do que isso aplica os conceitos do naturalismo, O cortiço mostra a realidade vivenciada no Brasil no século XIX na condição inicial do capitalismo. A relação entre explorador e explorado é visível na obra na medida em que o personagem de João Romão tira vantagens das pessoas.

O autor naturalista mostra através de sua obra o que o ser humano pode fazer para atingir seu objetivo, por mais que isto traga consequências negativas para a vida de outras pessoas e o leve a degradação, por exemplo, “o vinho que João Romão vendia a seus clientes era diluído em água”. Por isso, o livro nos faz refletir sobre aspectos que estão presentes nos dias atuais como a questão da desigualdade social, étnica racial e o homossexualismo.

3.1-Uma Breve Síntese da obra

A narrativa “O Cortiço” é uma obra de Aluísio de Azevedo que apresenta severidade científica da realidade é a manifestação sublime do naturalismo brasileiro. O livro é dividido em 23 capítulos que relatam a vida em moradias coletivas de pessoas pobres no Rio de Janeiro. O romance trata sobre a personagem principal de João Romão que tem uma obsessão para enriquecer por mais que isso o privasse de algumas regalias necessárias para a vida do ser humano. Romão com o objetivo de enriquecer a qualquer custo resolve aproximar-se propositalmente da quitandeira Bertoleza, crioula escrava de um velho cego de Juiz de Fora, por ter a quitanda mais bem afreguesada do bairro. Era uma escrava que sobrevivia vendendo peixe frito, em frente à venda de João Romão.

A partir do momento em que o personagem principal aproxima-se de Bertoleza com a intenção de tirar proveito de seus bens, ele consegue ganhar a confiança da escrava e os dois tornam-se amantes. O protagonista aproveita-se das economias de Bertoleza e, mentindo que ia comprar sua carta de alforria, gasta o dinheiro comprando três casas para colocar em locação rapidamente ele consegue chegar as 99 casas com uma ascensão capitalista imediata. Isso se deve também ao furto que João Romão e sua amante fazem ao material de construção dos vizinhos para construir o cortiço “São Romão”, a forma como Azevedo escreveu a obra retrata bem sobre os aspectos do movimento literário naturalista.

Alguns aspectos positivos proporcionaram que a moradia coletiva se desenvolvesse com rapidez, porém, os moradores eram descritos na narrativa comparada a insetos, os personagens são tratados como classe pobre na nobreza humana. Neste ambiente podemos encontrar várias figuras como o neném, a negra de libido que perde sua virgindade nas mãos de um empregado de João ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA.** Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131

Romão, a partir desse momento cai na vida e tem ainda Albino que apresenta tendências homossexuais, Botelho homem corrompido pelas hemorroidas.

3.1-NARRADOR

O romance é narrado em terceira pessoa, com narrador onisciente como exige o movimento naturalista. O narrador tem poder total durante a narrativa, entra no pensamento dos personagens, faz julgamentos e tenta comprová-los.

O foco da narração, a princípio, mantém uma aparência de imparcialidade, como se o narrador se apartasse, à semelhança de um Deus, do mundo por ele criado. No entanto, isso é ilusório, porque o procedimento de representar a realidade de forma objetiva já configura uma posição ideologicamente tendenciosa.

3.2-TEMPO

Em "O Cortiço", o tempo é trabalhado de maneira linear, com princípio, meio e desfecho da narrativa. A história se desenrola no Brasil do século XIX, sem precisão de datas. Há, no entanto, que ressaltar a relação do tempo com o desenvolvimento do cortiço.

3.3-ESPAÇO

São dois os espaços explorados na obra. O primeiro é o cortiço, amontoado de casebres mal-arranjados, onde os pobres vivem. Esse espaço representa a mistura de raças e a promiscuidade das classes baixas. Funciona como um organismo vivo. Junto ao cortiço estão a pedreira e a taverna do português João Romão.

Neste capítulo, não nos deteremos a analisar os principais personagens da obra, pois iremos abordar sobre o condicionamento da figura feminina perante os movimentos filosóficos do século XIX. Porém, anteriormente fizemos uma abordagem inicial sobre o Realismo-Naturalismo, contextualização histórica juntamente com as novas tendências e análise do "Cortiço" e deste modo analisaremos a obra sob um olhar mais conciso.

4-O CORTIÇO: AS FACES DA MULHER NA VISÃO ALUISIDIANA

De acordo com Aluísio o cortiço está repleto de personagens que retratam a realidade da figura feminina no século XIX. O autor procura destacar o modo de vida das personagens femininas como: as solteiras as adulteras, as lavadeiras, mulheres independentes e a mulher subordinada. De modo que Aluísio mostra através da sua obra a visão da própria realidade vivenciada na época, por



esse motivo é que se entendem as razões pelas quais apresentam um caráter forte: Bertoleza, dona Estela, Leónie, Leocádia, Rita Baiana, Piedade de Jesus, Leandra, Ana das dores, Neném e Augusta carne-mole.

4.1 – AS SOLTEIRAS

A personagem Rita Baiana evoca sensualidade e é envolvente, morava com Firmino e gostava de ser autônoma. As mulheres solteiras pensavam de maneira própria e tinham um linguajar diferente das mulheres das outras classes sociais. Por isso sofriam preconceitos na época e eram vistas como mulheres entregues à vida, e servem como um mau exemplo para as filhas de família. Assim, podemos evidenciar no trecho da obra aluisidiana. “Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha do meu pai! Casar? Livra! Para quê! Para arranja cativeiro? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que agente é escrava!” (AZEVEDO, 2012.p.34).

E Leónie representava na verdade uma prostituta, madrinha de Pombinha que acaba a levando para o mundo da prostituição, ela instigava as mulheres mais ingênuas, que tinham a convicção de que se não pudesse ser santas, o que lhes restavam eram ser prostitutas. Naquela época o mercado trabalhista não oportunizava de maneira significativa as mulheres de classes sociais menos favorecidas. Como podemos perceber no trecho da obra a seguir.

Leónie, com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e ponha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura: as suas luvas de vinte botões que lhe chegavam até aos sovacos; a sua sombrinha vermelha, sumida numa nuvem de rendas cor-de-rosa e com um grande cabo arabescos extravagantes; (AZEVEDO, 2012.p.60).

Na verdade o que era importante era a beleza e a juventude, e para muitas dessas mulheres a opção era seguir o mundo da prostituição. Vale salientar que muitas dessas mulheres fálicas eram conjugues ou amasiadas, de maneira que suas atividades eram tidas como mal vistas pela moral não só da burguesia como também dos maridos. Como percebemos no trecho da obra abaixo.

(...) “A serpente vencia afinal: Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída meter-se-lhe na boca. A pobre mãe chorou a filha como morta. (...) O cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ebria. (AZEVEDO, 2012.p.134 a 135).

4.1-AS ADÚLTERAS



No *O Cortiço*, a personagem de Estela traia seu marido Miranda, e por mais que ele soubesse do adultério da esposa ele preferia manter sua postura perante a sociedade perdoando a esposa. Conforme segue paragrafo da obra.

D. Estela era uma mulherzinha levada da breca: achava-se casada havia treze anos e, durante esse tempo, dera ao marido toda sorte de desgosto. Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimonio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério. (AZEVEDO, 2012.p 07).

Outra personagem era Leocádia, companheira de Bruno, o ferreiro, traía seu marido com Henrique. Ela abandona seu esposo e este fica sem rumo, pois era humilhante para o homem perder sua mulher para outro homem. Assim, ele perdoa sua esposa e a procura para reconciliar-se com ela.

A obra apresenta ainda outra traição, a do pedreiro Jerônimo que se vê totalmente seduzido pela mulata Rita Baiana e enfrenta tudo para tê-la em seus braços. Jeronimo é desleal com sua esposa que tem total submissão a ele. Piedade sofre muito quando Jerônimo a abandona por causa de Rita Baiana. Piedade sentia-se ameaçada pela presença imposta de Rita Baiana em sua vida e principalmente na vida de Jerônimo, seu esposo, como demonstra esta passagem da obra de Azevedo.

A portuguesa não dizia nada, sorria contrafeita, no íntimo, ressentida contra aquela invasão de uma estranha nos cuidados pelo seu homem. Não era a inteligência nem a razão o que lhe apontava o perigo, mas o instinto, o faro sutil e desconfiado de toda a fêmea pelas outras, quando sente o seu ninho exposto. (AZEVEDO, 2012, p.47)

Podemos observar através do trecho acima o sofrimento que a personagem Piedade vivenciava. O autor mostra traços marcantes do movimento e do período como a investigação da criação da sociedade.

E também a Pombinha, afilhada da prostituta Leónie, que tem o compromisso de cuidar da iniciação sexual da menina. Pombinha é comprometida com João da Costa, com o casamento a menina poderia sair daquela situação de pobreza que a moradia apresentava, porém a sua mãe contrariava o casamento porque para ela a filha só podia casar-se após tornar-se mulher (ou seja, após a sua primeira menstruação). No entanto Pombinha fica desiludida com o que acontece ao redor do cortiço cai na vida, vira lésbica e se une a sua madrinha. Em outras palavras uma pequena prova do determinismo de Hyppolite Taine, onde evidencia que o ser humano passa a ser analisado

e explicado a partir de algumas categorias essências, como o momento histórico, o meio social e a raça.

4.2-AS LAVADEIRAS

Havia no cortiço mulheres que exerciam atividades consideradas tradicionalmente femininas, como as lavadeiras que eram independentes. Na obra encontramos: Ana das Dores “a das dores” residia sozinha em um casebre separado do cortiço, porém sua família morava toda na moradia. E tinha Neném que era alta, magra e forte e mais Augusta Carne-Mole que era branca, brasileira e esposa de Alexandre, um soldado da polícia mulato e quarentão. E também Leandra que era “machona” e tinha duas filhas uma casada e a outra desquitada, tinha um temperamento forte.

E as lavadeiras não se calavam sempre a esfregar e a bater, e a torcer camisas e ceroulas, esfogueadas já pelo exercício. Ao passo que, em torno da sua tagarelice, o cortiço se embandeirava todo de roupa molhada, donde o sol tirava cintilações de prata. (AZEVEDO, 2012. p23)

As mulheres acima citadas tinham um trabalho honesto que era lavar roupas, é evidente que a maioria delas sustentava o lar, mas na maioria das vezes dividiam-se entre os afazeres domésticos e os trabalhos remunerados. Vale ressaltar, a diferença da mulher naturalista, diante da idealização romântica perante a figura feminina.

4.3-A MULHER SUBORDINADA

A obra destaca a personagem Bertoleza que estava amasiada com a personagem principal de João Romão que se aproxima dela por puro interesse. Ela tinha uma das barracas mais bem frequentadas do bairro. Dessa forma, João aproveitava-se do dinheiro que ela ganhava para sobreviverem, esta estava totalmente submissa a João Romão.

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança do espírito da mulher, que esta, afinal, nada mais resolia só por si e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio nem mais se dava ao trabalho de procurá-la ia logo direto a João Romão. (AZEVEDO, 2012. P.05).

Além disso, João sentia-se envergonhado da presença de Bertoleza por ela ser negra. Seu objetivo era enriquecer a custa dela e depois a entregar a seu dono, pois ela ainda vivia em estado de escravidão. João tinha por Bertoleza um sentimento de antipatia, a sua vontade era casar-se com uma mulher branca. Assim, ele denuncia Bertoleza para a polícia traindo aquela que sempre dedicou sua vida por ele.

4.4- MULHER MÃE

Uma das características também marcantes das mulheres encontradas na obra “O cortiço”, é o valor familiar (ser mãe), na qual a personagem dona Isabel cuida pacientemente de sua filha, preparando-a para ter um bom casamento instigando-a a manter-se aparentemente bela, de maneira que era considerada a flor do cortiço, a fim de proporcionar-lhe um futuro melhor.

Isabel sacrificou tudo para educar sua filha Pombinha que era muito doentinha dando-lhe mestre até de francês (...). A filha era a flor do cortiço. Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermiça e nervosa a último ponto; loira, muito pálida, com os modos de menina de boa família (AZEVEDO, 2012.p.20 a 21).

Outra personagem era dona Leandra, mesmo sendo viúva cuidava de seus filhos como mãe e pai, exercendo a tarefa de lavadeira para sustentar sua família. “Leandra tinha três filhos; Ana das Dores, Neném e Agustinho, sua filha Das dores morava em uma casa afastada, mas que ainda fazia parte do cortiço” (AZEVEDO, 2012.p.20).

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo examinar minuciosamente as várias faces da mulher na obra “O cortiço” de Aluísio de Azevedo. Constatamos que as mulheres ainda sofrem algum tipo de preconceito no século atual, assim como demonstra a obra, que representa diferentes personagens que remetem valores como da família, de padrões, de classes e de organização da sociedade.

Com uma linguagem de fácil compreensão, Aluísio mostra atos, caráter, entusiasmo das personagens para a construção da vila o Cortiço. É relatada a realidade das personagens com uma descrição detalhada do ambiente. A narrativa enfatiza principalmente, a questão da liberdade de expressão das personagens, inclusive suas condições morais e psicológicas.

Na obra, as mulheres representam uma imitação do mundo real, pois aborda temas reais de forma objetiva, sem que haja participação subjetiva do autor. A obra destaca com intensidade as características das ações das personagens. O autor narra fielmente os fatos, sem dar importância quanto a opinião dos atos, mas dando ênfase aos atos em si, utilizando apenas o método da observação para assim documentar.

As atitudes das mulheres mostradas na narrativa são apresentadas e explicitadas de forma lógica e científica de maneira que tais comportamentos são aceitáveis de acordo com a realidade vivenciada. O objetivo do autor era denunciar as diversas desigualdades sociais por meio de um **ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131

retrato verossímil da realidade da vida das pessoas que estão à margem da sociedade, mediante as diversas mulheres que convivem em torno de nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979. Os grandes clássicos.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 33º Ed. São Paulo: Klick, 1997.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antônio CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Das origens ao Realismo, história e antologia**. 8º ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997.

CHIAPPINI, Ligia Moraes Leite. **O Foco narrativo**; São Paulo, Ática 1987.

personagem na obra *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 8º ed. Civilização Brasileira, 1976-1997.

SILVA, Felipe Antônio Ferrreira. Uma Análise sobre a relevância do espaço como personagem na obra *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo. Disponível em: www.fals.com.br. Acesso em 21/03/2015.